

Editorial

TORCIDAS
VIOLENTAS

Aconteceu de novo. Sempre que se encontram coletivos, por menor que sejam, das torcidas organizadas, algo de ruim acontece. Os membros das torcidas partem para a briga e, do confronto, resultam pessoas feridas, quando não mortas pela violência dos grupos.

No último sábado à noite, aconteceu. Não estava havendo nenhum jogo de futebol. As torcidas do Atlético e do Cruzeiro se encontraram porque estavam participando de um evento de lutas de dois atletas identificados com um e outro clube.

Os lutadores nem se enfrentaram. Seus oponentes eram outros. Mas bastou que as duas torcidas se encontrassem na portaria da casa de espetáculo, para que a menos numerosa levasse a pior. Morreu um jovem e outro foi hospitalizado, ambos cruzeirenses.

Agora, as autoridades tentam identificar os agressores. Câmeras próximas teriam gravado o confronto. O Estatuto do Torcedor praticamente eliminou a possibilidade de conflitos no interior dos estádios. Esses se dão, quase sempre, fora das arenas esportivas.

A circunstância traz, no entanto, mais um dado para o estudo dessas torcidas. Muitos de seus membros seriam aficionados das artes marciais. Normalmente, eles transportam para os jogadores em campo seu ímpeto guerreiro. Mas, quando se encontram, o choque é certo.

Ficam patentes o potencial agressivo e a inutilidade das torcidas organizadas. Elas só servem a seus integrantes, rebeldes sem causa, ajudando-os a extravasarem a violência de que são vítimas no seu dia a dia (Freud explica), e aos clubes, que faturam a rivalidade.

A formalização das torcidas não aumentou seu controle nem sua responsabilidade. Ao contrário, seus integrantes usam-na como escudo. Responsabilizar o coletivo, as torcidas, levaria à sua extinção. Mas elas poderiam continuar a existir informalmente.

O foco deve ser o torcedor. Individualizados, eles podem ser responsabilizados.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

EDITORES

Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves
Fotografia: Leonardo Lara

O.PINIÃO

Duke

EU QUERIA SUA PERMISSÃO
PARA INVADIR AQUELE ANTRO
E PRENDER TODOS OS
CRIMINOSOS, CAPITÃO!



VOCÊ JÁ TEM
PERMISSÃO
PARA INVADIR
A FAVELA,
SOLDADO!

TÔ FALANDO
DO CONGRESSO
NACIONAL!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Sob os signos da vitória da
condenação de Abdelmassih

Falta prender o médico para libertar suas vítimas

A juíza Kenarik Boujikian Felipe, em 23 passado, tornou pública uma sentença inédita em nosso país: a condenação a 278 anos de prisão em regime fechado do renomado especialista em reprodução humana assistida (RHA) Roger Abdelmassih, 67 anos. Consta na sentença (195 páginas), que vale a pena ser lida: “Agora não se fala mais em indícios, mas de certeza. Está comprovado que o réu está a delinquir de longa data, de forma reiterada, enfrentando as vítimas, com menoscabo à Justiça, assumindo posição de superioridade, de ser inatingível”. Perfil de um sociopata e criminoso Deus da Medicina.

Relembro o caso em um trecho de um artigo meu: “Desde quando uma ex-funcionária do dr. Roger declarou ao Ministério Público de São Paulo que ele a beijou à força (18.4.2008), muita água já rolou: até o inquérito sumiu! Foi encontrado no banheiro do fórum! Em 9.1.2009, a ‘Folha de S.Paulo’ veiculou matéria dizendo que o médico estava sendo investigado. Apareceram cerca de 65 mulheres relatando crimes cruéis, de abusos sexuais a estupros. Os fatos ocorreram no consultório do médico, exceto um, há 40 anos, quando a atendida por ele num plantão em Campinas foi convidada a fazer sexo e teve de aturar um pênis passeando pelo seu corpo – depoimento lapidar para que o MP pedisse a prisão dele, no último 17 de agosto, sob o argumento de que pratica crimes sexuais compulsivamente há 40 anos. Logo, é perigoso” (“Sociopatas não são doentes, seus crimes devem ser punidos”, **Opinião**, 23.11.2009).

Roger Abdelmassih ficou preso de 17.8 a 24.12.2009. Seu registro médico

foi suspenso pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo em dezembro de 2009 e caçado em definitivo em 23.7.2010. Entre a suspensão e a cassação, Abdelmassih formalizou pedido de renúncia à medicina – modo honroso de deixar a profissão e a ela retornar quando desejasse. Solicitação sabiamente rejeitada pelo conselho. O condenado continua em liberdade e especula-se que assim continuará. No Brasil, sentenciado com 70 anos de idade tem o tempo prescricional diminuído pela metade e é comum que condenados de

“Como uma pessoa condenada a 278 anos de cadeia não oferece perigo para a sociedade e aguarda solto o recurso. Para quem ele não oferece perigo?”

situação econômica abonada encontram brechas em filigranas jurídicas e continuam em liberdade. Exemplo recente é o do matador de Sandra Gomi-de (19.8.2000), Pimenta Neves, réu confesso e condenado a 19 anos de prisão (5.5.2006), que só ficou preso de 30.8.2000 a 23.3.2001, antes de ser sentenciado!

A médica Ana Reis diz: “passada a emoção da notícia da condenação e lendo depois os discursos nos telejornais, fico com a forte impressão de que ele muito provavelmente não cumprirá pena. Não entendo como uma pessoa condenada a 278 anos de cadeia não ofere-

ce perigo para a sociedade e aguarda solto o recurso. Para quem na sociedade ele não oferece perigo? (...) Na TV, foi grande o espaço para os argumentos do advogado de defesa de que não foram levados em conta depoimentos sobre a idoneidade do estupro, dados por 170 testemunhos, sobretudo de maridos de pacientes. São as vozes masculinas sobrepondo-se às denúncias das mulheres abusadas. E assombros dos assombros: a sentença proferida – incômodo detalhe a ser suprimido – por uma juíza!” (“O caso Abdelmassih – Vai cair a casa do amo?”).

Uma das vítimas do algoz declarou: “A gente teve muito medo, foi uma batalha muito grande, encontramos muitas portas fechadas, mas a satisfação é tão grande de você ver o resultado da Justiça que vale a pena”.

Falta prendê-lo para libertar suas vítimas.

